

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 2

Título: "INFELIZ COINCIDÊNCIA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): NAVARRO, JUDITH

Adaptador: ?

Realizador: GONZAGA, HORÁCIO

Locutor: ?

Data de produção: 25/6/1975

Data de Emissão: 30/6/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOSÉ SEVERINO	JULIO
VITOR DE BARVALHO	PINTO
ÂNGELA RIBEIRO	DOMINGAS

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☐

Cópia ☒

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:



(V.S.F.F.)



Notas:

- DIREC. ARTÍSTICA - ARTUR SEYMEDO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º <u>58</u>	PROGRAMA <u>1</u>
DATA DE ENTRADA <u>16 JUN 1975</u>	EMIÇÃO DE <u>30/6/75</u>
PEDIDO DE GRAVAÇÃO A GRAVAR EM <u>26/6/75</u>	<u>15 - 15</u> HORAS
HORA <u>9,30</u>	VISTO
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

PARA O MINI-TEATRO DA EMISSORA NACIONAL

"INFELIZ COINCIDENCIA"

POR JUDITH NAVARRO

PERSONAGENS: Júlio (meia idade)
Pinto (meia idade)
Domingas (meia idade)

Mo/

INFELIZ COINCIDENCIA

PARA O MINI-TERTRO da EMISSORA NACIONAL,
ORIGINAL DE JUDITH NAVARRO

(ambiente de restaurante modesto. Vozear discreto, rumor de louça, talheres, etc, tudo em 3º.plano, para não abafar o diálogo. De vez em quando, passos e arrastar de cadeira, gente que entra e sai),

JÚLIO - (verboso, expansivo) - O senhor não se importa que eu me sente à sua mesa ? Está tudo cheio...

PINTO - (Num tom de voz fatigado) - À vontade! (Cadeira arrastada) Esteja à sua vontade.

JÚLIO - (explica) - A tia Domingas tem de pôr aqui umas mesas. O pessoal já não cabe. (suspira) Uf! Está um calor do Inferno! A cozinha fica mesmo ao lado da nossa mesa. A parede está a escaldar! Pudera! Com o fogão a abarrotar de lenha... É cada panelão!

PINTO - Presentemente quase toda a gente come fora de casa..,

JÚLIO - E a comida, aqui, não é cara... É comida caseira. (observando) Dantes tinha uns amigos por cá... vinha muitas vezes a este restaurante... é modesto, mas uma pessoa sente-se assim mais à vontade...

PINTO - A sua cara não lhe é estranha... (outro tom, mais alto) Então esse almoço, quando vem? Quando chega já não é preciso!

DOMINGAS- (Afastada) - Já lá vai, senhor Pinto! Não seja rabugento! (aproximando-se) aqui está o pãozinho e as azeitonas, para ir entretenendo o dente...

PINTO - (resmunga, queixoso) - Azeitonas! Nem pensar nisso!
Mo/

JULIO - (vivamente) - Eu como, deixe ficar! Pelos vistos, também tenho de esperar...(outro tom, folgazão) Não é, tia Domingas? A casa está à cunha!

DOMINGAS-(afastando-se) A esta hora, já se sabe!

JULIO - Eu pedi uma dobradazinha à moda antiga!

PINTO - (Suspirando) - Ah, rico prato! Mas eu não posso! Estou a peixe cozido...Dei cabo do estômago...(suspira) Contos largos!

JULIO-- (risonho) Pândegazitas, hein? (Ri-se)

PINTO - Não foi má a pandega, não senhor! (outro tom) Coisas que acontecem! É a vida!

JULIO - (expansivo) - Não me fale nas coisas que acontecem, na vida! Não me fale ! Às vezes até parecem anedotas! Come, com exuberância)

PINTO - É verdade! Coisas do diabo! Que até estragam o estômago à gente!

JULIO - (Interessado) - Não me diga que tomou algum veneno, por engano!

PINTO - (meio risonho) - Nada disso! Fiquei envenenado, lá isso fiquei, mas não foi como o senhor julga! Passei por um mau bocadinho...

JULIO - Eu também passei por um mau bocadinho...Mas não me estragou o estômago! Estragou-me a carreira! (Suspira) Ah! caro amigo! (outro tom) Como é que você se chama ?

PINTO - Manuel Pinto! O Pinto das tintas, como sou mais conhecido...

JULIO - Eu chamo-me Júlio Copista...(ri) Copista é alcunha...é assim que me chama a rapaziada!

M)

PINTO - Pois, senhor Júlio, aqui, onde me vê, sou uma vítima do azar!
(outro tom) Não fuma ? Com licença! Um cigarrinho...

JULIO - Obrigado...enquanto não vem a dobrada...

PINTO - Fósforos?

JULIO - Tenho isqueiro, obrigado...(rumor de isqueiro)

PINTO - Essas maquinas, às vezes não funcionam...(com mais animação)
Lá chega a nossa vez!

JULIO - Já não é sem tempo! (rumor de pratos)

PINTO - A tia Domingas já não atende os velhos clientes!

DOMINGAS - O senhor Pinto não tem grande pressa...Até lhe faz bem meia
hora de espera! Sempre conversa um bocadinho! Tristezas
não pagam dívidas!

PINTO - (suspira) - Pois não, mas você não sabe, se este senhor tem
ou não tem, pressa!(outro tom)

JULIO - Tenho é fome! Pressa não tenho, para dizer a verdade! (rumor
de talher, discreto)

PINTO - Está de férias? (outro tom) Não! A dobrada é para este senhor

JULIO - Umas férias forçadas, mas vou alinhavando uns biscatos...es-
crevo à máquina...

PINTO - Eu tenho uma lojeca de ferro velho...

JULIO - As velharias agora dão muito dinheiro! (outro tom) A tia Do-
mingas ! E vinho ?

DOMINGAS - Tinto ou branco ?

Mo/

JULIO - Tinto! Da casa...

DOMINGAS- O senhor Pinto já sei que não bebe...

PINTO - (suspirando) - Já lá vai o tempo!

JULIO - Tenho aqui dobrada para dar a vender! Não quer um bocadinho, para provar?

PINTO - Deus me livre! Agora tenho de me contentar com a pescada!

JULIO - Eu, então, como de tudo! Nada me faz mal!

DOMINGAS-(aproximando-se) Vinho tinto! Para abrir o apetite! Escorrega que é um regalo! (r1) O senhor Pinto é que não vai em cantigas!

JULIO - Nem um copito ?

PINTO -(Lamuriendo) Nem cheirá-lo!

JULIO - (bebe) Não é mau!

DOMINGAS- Não é mau? é do melhor! E ainda não aumentou de preço!

JULIO - (rindo) - Mas já está a deitar a rede, hein?

DOMINGAS-Nada disso ! Estou só a dizer a verdade!

JULIO - O vinho até dá saúde, homem!

PINTO - No meu estômago, parece lume!

DOMINGAS- Precisam de mais alguma coisa ?

JULIO - Não, senhora! Por agora, isto chega! (Passos, que se afastam)
O que me admira, é que você fuma! O tabaco não lhe faz mal!

MOX

PINTO - É o único prazer que tenho! Talvez não faça grande bem, mas se me faz mal, não sinto! Não dou por isso! Nos comês e bebes é que tenho de ter cuidado! Isto já não tem concerto. Estou arrumado!

JULIO - (bebendo e comendo) - Não desenime, amigo Pinto! (outro tom) Desculpe tratá-lo com tanta semcerimónia...mas estamos na mesma mesa...

PINTO - (Atalhando) - Não tem de que pedir desculpa, homem! Desculpa, de quê? Só tenho pena, é de não poder fazer as honras a uma boa almoçarada!

SEPARADOR

JULIO - Como vê, isto no comer e no conversar, a questão é começar.. Estamos aqui há quase uma hora a dar à língua, como se fôssemos velhos amigos! (ri) Ah, amigo Pinto, amigo Pinto! Não há nada como uma boa convivência! Na hora das refeições, então, quem se senta sózinho, à mesa, fica a mastigar a comida, como se estivesse a cumprir uma empreitada!

PINTO - (mastigando) Não há dúvida!

JULIO - Você é casado?

PINTO - Sou viúvo!

JULIO - Ainda está em boa altura de arranjar uma nova mulher...

PINTO - Hum...Não me parece...

JULIO - Deu-se mal com a primeira experiência?

PINTO - A primeira experiência, é como quem diz! Já fui casado duas vezes!

JULIO - Não me diga! E mandou as consortes adiante, hein? Não está mal Mas você não tem cara de Barba Azul!

- PINTO - Pouca sorte! Eram irmãs...Primeiro casei com a mais velha... sofria do coração...Estivemos casados quatro anos...um dia apagou-se...ficou-se, como um passarinho...Depois, para não ficar para aí ao desamparo, casei com a outra irmã...
- JULIO - (comendo) - E ficou viúvo outra vez...
- PINTO - Tinha diabetes...(suspira) Pouca sorte!
- JULIO - Eu fiquei solteiro! Gosto da vida livre! As mulheres são uma prisão! (tosse) Quando amarram um homem, adeus minhas encomendas! Já estive quase a dar o nó...mesmo à beirinha dele! Mas recuei a tempo! Era uma cabeçada dos diabos! Antes que cases vê o que fazes, diz o ditado...(outro tom) Tive as minhas aventuras...isso tive...mas sem consequências...
- PINTO - Eu nunca fui muito dado a aventuras...
- JULIO - (Risonho) - É do género pacato, hein?
- PINTO - Sim...o que não tenho é sorte.
- JULIO - A sorte é como as mulheres, amigo Pinto! Vira com facilidade!
- PINTO - Nunca tive razão de queixa das mulheres...
- JULIO - Pudera! Não as aturou toda a vida!
- PINTO - Quando se chega a velho, precisa-se de um amparo...
- JULIO - Isso é preciso que se arranje um amparo! Mas quando, em vez de amparo, é uma escorregadela? (outro tom) Eu bem sei que há casamentos felizes...que há quem se dê muito bem pela vida fora...com a velhota...com os filhos, com os netos, etc...Mas um homem livre é como um rouxinol! Canta aqui, canta acolá, e agrada a toda a gente! Não arranja complicações!
- PINTO - Aquelas que não arranjam...

JULIO - O que é preciso é andar de olho vivo! (ri) As feiticeiras têm artes do demônio!

PINTO - Dizem que há sete mulheres para cada homem!

JULIO - (Atalhando)- Veja lá! Sete mulheres! Você se tornasse a casar, já ia na terceira!

PINTO - Não caso, não senhor! Agora fico por aqui... Bem me custa, pode crer... mas a vida não me tem corrido bem, ultimamente... Os meus ganhos são incertos...

JULIO - Sim... nada se faz sem dinheiro...

PINTO - E a saúde não ajuda...

JULIO - Você tem má cãr, realmente... Esteve no hospital? (Em tom confidencial) não sabemos porquê, um homem lembra-se da vida e gosta de desabafar! Além disso, você, mais tarde ou mais cedo, havia de saber a verdade, e não adianta nada estar aqui com fingimentos... Vou dizer-lhe uma coisa. Eu não estive no hospital. Estive foi na cadeia! (arrastar de cadeiras, mais longe, gente que sai)

JULIO - (quase engasgado, a rir) Na cadeia? Preso?

PINTO - Pois então! Preso! Como é que você queria que eu estivesse na cadeia?

JULIO - Podia ser guarda... empregado... enfim... (ri) Ora esta!

PINTO - Dá-lhe vontade de rir?

JULIO - Se lhe parece! É uma coincidência extraordinária! Você esteve preso, ah, compadre Pinto! Não me diga!

PINTO - (nervoso) É assim mesmo! Mas ficou-me de emenda!

Mo/

DOMINGAS-(Aproximando-se) - O senhor Pinto está na conversa e acaba de comer tudo frio, hein? Quer que eu leve a travessa, para a pôr na boca da panela ? Ainda aqui tem um bom bocadinho de pescada!

PINTO - Leve, leve, tia Domingas! A conversar leva-se mais tempo...

DOMINGAS-(Afastando-se) - Conversem à sua vontade...Isto agora já está mais vazio!

JULIO - Pois muito me conta, amigo Pinto! E já que estamos aqui, a trocar confidências, também lhe vou dizer uma coisa. Eu também estive na cadeia! (ri) Por isso é que eu achei graça! Olha que não é vulgar uma coincidência destas!

PINTO - Na verdade...(meio risonho) Até parece que foi de propósito. São coisas do destino...

JULIO - Vir logo para a sua mesa...

PINTO - Mas você não parece muito abalado com o castigo...

JULIO-(Hesitante) - Não...a coisa não foi grave...Bem...para ser ...franco, o meu crime não...quero dizer...não foi morte de homem...

PINTO - (Suspirando) - A mim, aquela estadia na cidade, abalou-me! Nunca mais cáio noutra! O crime não compensa! Mesmo o mais insignificante !

JULIO - Está bem! Eu penso o mesmo! Também já não cáio noutra! Mas, a verdade, é que o meu crime não foi grave...E você? Também não tem cara de mau homem! Que fez? Passou contrabando ? Não?

PINTO - Uma coisa sem importância! Uma falta de amor!

JULIO - Eu fiz uma falsificaçãozita, sem grande importância...E você?

Mo/

PINTO - Cometi um erro de palmatória! Nem sei como caí numa asneira daquelas! Mas o que lá vai, lá vai!

JULIO - É o que eu digo! Esqueça isso, amigo Pinto! E beba um copito! Um dia, não são dias! É que, só eu a beber, não tem graça!

PINTO - Só se for um copo dos pequenos...Está aqui um, nesta mesa...
(ruído de líquido, no copo) Basta! basta!(riso) Já é o suficiente para arranjar uma azia desgraçada!

JULIO - (animado) - Pode ser que não. Que diabo! Tínhamos que festejar o nosso conhecimento! E um bocadinho de dobrada? Olhe que está um piteu!

PINTO - Não! Dobrada, não! Nem pensar em tal! (não esquecer o ambiente, cada vez menos ruidoso)

JULIO - A pescada tem alguma graça?

PINTO - Não está má! (alto) Dia Domingas! Pode trazer o resto, se faz favor! (outro tom) Se calhar já caiu dentro da panela)

JULIO - Eu não gosto de pescada...e então, sem sal, nem nada...

DOMINGAS-(Aproximando-se) Para a sobremesa tenho arroz doce...

JULIO -Pode trazer...

DOMINGAS-O senhor Pinto também quer?

PINTO - Traga...já agora...

DOMINGAS- Hoje até tem outro parecer! Ah, senhor Pinto! O senhor tem de deitar o coração ao largo! Esta vida são dois dias! Olhe para esse senhor! Alegre que nem um passarinho...

JULIO -(rindo)- Um passarinho fora da gaiola!

DOMINGAS-Credo! Pois está bem de ver! Mas o senhor Pinto em começando a empreender na vida, fica amarelo que nem um limão! O homem come e beba! Nunca é tarde para uma pessoa começar a vida! (afastando-se) Lá vem mais um, pela dobrada...(passos, ao longe e arrastar de cadeira)

PINTO - E é...mas cada um sabe de si! Foi um azar!

JULIO - A mim, o que me perdeu foi o meu amor à perfeição...

PINTO - Esteve na cadeia por amor à perfeição?

JULIO - (rindo) É cá uma maneira de dizer, amigo Pinto! Mas foi! Está intrigado, hein? Também eu fiquei parvo, quando me prenderam. ...Podia lá imaginar! A coisa, vista agora, até dá vontade de rir!...

PINTO - (ponderação) - Não percebo...Por amor à perfeição...ideais políticos? Alguma doutrina nova?

JULIO - Não, amigo Pinto? (em tom confidencial) Nada disso!

PINTO - Pode falar à vontade...Aqui ninguém nos ouve...Só há dois clientes, lá ao fundo...mas estão a namorar...(risonho) Só se ouvem um ao outro...

JULIO - Não é por me gabar, mas sou um excelente copista....

PINTO - (com animação) - Já compreendo! Cheques! Assinaturas!

JULIO - Não me importo de lhe dizer...Agora o caso está liquidado. Acabei de vez com esse negócio sujo...(outro tom) Mas, não! Não se tratava de assinaturas, nem de cheques...o meu forte eram notas do banco!

PINTO - (pasmado) - Notas!? Mas isso é muito interessante? E falsificou muitas? Quero dizer...falsificou notas do banco?

JULIO - Copiei! Copiei uma simples notazinha de cem escudos!

PINTO - (engasgando-se) - Uma nota de cem escudos ?

JULIO - Imita-a, tim-tim, por tim-tim, conscienciosamente...Não era honesto, claro, mas enfim...eu não abalancava a grandes quantias...era uma nota de vez em quando...para as despesas do dia a dia...

PINTO - Compreendo...

JULIO - Era o que se chama um falsificador modesto...sem grandes ambições...mais por amor à arte, do que por outra coisa... (afina a garganta) Está a compreender?

PINTO - Compreendo...

JULIO - Sabe você, que o mal dos camaradas que fazem estas coisas, está em quererem fazer muito dinheiro...Eu não!

PINTO - Sim...A ganância! A ganância é que perde muita gente!

JULIO --Eu nunca fui ganancioso! Fiz um trabalho com sossego...pouco de cada vez. Sabe como é !

PINTO - (em tom lastimoso) - Sei, sei...E usou o quê ?

JULIO - O material mais perfeito.

PINTO - Papel de apólices? Papel em que os bancos imprimem títulos sem valor?

JULIO - Você sabe disto! Querem ver que...

PINTO - Também tentei a minha sorte...Não se engana! Mas lá iremos...acabe o que estava a dizer...

JULIO - Primeiro vivi à grande. Foi uma rica vida. (outro tom) Não!
Mo/

Não julgue que quero repetir a façanha ! Uma vez, por não saber! Não senhor ! Agora sou um homem honrado ! Mas não posso deixar de dizer que o que me aconteceu, foi um azar dos diabos! Um dia, fui ao sapateiro, pagar um par de sapatos e, quando ia todo lampeiro a largar a nota, apanharam-me ! Apanharam-me, com a boca na batija...para não dizer com o pé no sapato

PINTO - (condoído) - Isso foi mau...(outro tom) Alguma denúncia, naturalmente...

JULIO - Qual denúncia, nem carapuça!

PINTO - Então...se o trabalho era perfeito, como você diz!

JULIO - Pois era! Por isso mesmo ! A perfeição é que me tramou! Eu sou um excelente copista! Mas a nota que me serviu de modelo, era falsa! Falsa como Judas! Vê a minha pouca sorte? Copiar... copiar, conscienciosamente, uma nota falsa, e, ainda por cima, imperfeita!

PINTO - (assando-se) Sempre há cada uma!

JULIO - É como lhe digo! Olhe que é de um tipo ficar de cara à banda!

PINTO - Foi um balde de água fria!

JULIO - (Bufando) - Eu sei lá, amigo Pinto! Se me tivesse caído uma casa em cima, não ficava mais assombrado! Copiar uma nota falsa...Não lembra ao diabo! O polícia até se riu da minha cara de parvo!

PINTO - Na verdade...(ri, com pouca vontade)

JULIO - Acha graça? (outro tom) Até que enfim, que o vejo rir! Amigo Pinto!

PINTO - (tossindo) - Acha graça, pela coincidência...A mim, também me aconteceu uma coisa parecida...Não foi igual...mas foi um desastre...um azar dos maiores, não há dúvida. (em tom mais

Mo/

baixo) Também falsifiquei notas, etc.e tal...e, depois, bumba
Cometi um erro de palmatória!

JULIO - (com entusiasmo, mas em tom baixo) - Ah, também no anzol, amigo Pinto! Então diga-me dessas! Agora compreendo porque tem essa cara de limão azedo! O crime não compensa, é bem verdade! Mais tarde ou mais cedo, tudo se descobre! E é como passaste! Há sempre um gato com o rabo de fora!

PINTO - Enganei-me nas cores...Não sei como aquilo foi! Olhe que só de pensar nisso arranjei uma úlcera no estômago!

JULIO - (Atalhando) - Ah! amigo Pinto! O mundo é pequeno! Olhem onde eu havia de vir encontrar um camarada! Foi daí que começou a dieta, hein? O seu azar foi maior do que o meu, amigo Pinto!

PINTO - Um engano que pregou comigo na cadeia! Nem quero que me lembre, amigo Julio! Mas faz bem desabafar!

JULIO - Pois claro! Desabafe, homem! Quando uma pessoa guarda os desgostos consigo, arranja doença de nervos! Comigo não há esse perigo. Tenho o coração ao pé da boca!

PINTO - Eu sou reservado...Sempre fui assim, mas depois do que me aconteceu, fiquei pior!

JULIO - A nota era graúda ?

PINTO - Era de cem escudos. Por isso é que me admirei da coincidência Fiz cinco...À quinta, apanharam-me...

JULIO - (Interessado) - Mas copiou por uma nota verdadeira, ou falsa?

PINTO - Por uma verdadeira, amigo Júlio! Uma nota velha...com uma data de manchas...mas eu estava na dependura...e apanhei dois anos, imagine! Por uma miséria de 300\$00! Fiz cinco, mas só passei 3...(outro tom) Olhe, espere! Costumo trazer uma dessas notas comigo; guardei-a para recordação do mau bocado que passei...para que me fique de emenda.

Mo/

JULIO - E você guardou isso?

PINTO - Guardei...(rumor de papeis) Claro, que só quem percebesse de notas, é que dava pelo erro! Só no banco...ou algum entendido...Aqui está...é esta...

JULIO - Hum...Com palhaços que não servem para nada!

PINTO - Repare nesta mancha, amigo Julio. Devia pender mais para o roxo...foi por causa desse maldito roxo!

JULIO - (de súbito) - Mas...não me diga! Eu estou a sonhar, ou quê?

PINTO - (inquieto) - O que tem a nota? O que é?

JULIO - O que é? É muito simples! Esta nota é igualzinha a uma que me custou uma data de trabalhos! E sabe porquê? Porque foi uma das suas malditas notas que eu copieei!

PINTO - (apatetado) - Você copiou uma das minhas notas?

JULIO - TIM-TIM por tim-tim! (em tom baixo, mas exaltado) Fez um lindo trabalho, senhor Pinto!

PINTO - Mas eu não tive a culpa...

JULIO - (elevando a voz) - Não teve a culpa!? Então quem teve a culpa? Foi eu? Foi eu que pintalguei estas manchas...esta cara falsa como Judas? Este mamarracho vergonhoso?

PINTO - (atalhando, atarantado) Por favor...eu, eu não...

JULIO - (Atalhando) - Não, Sim, senhor Pinto! O senhor, senhor Pinto, deve-me ano e meio de cadeia, um dinheirão por perdas e danos e, ainda para finalizar, uma nota de cem escudos, que me veio parar às mãos e que era falsa! Não fui indenizado por isso! Caçaram-me a nota, mas não recebi outra em troca! Ouviu, senhor Pinto!? E isto, sem falar no meu desreputo, como copista! Porque eu sou um excelente copista, senhor Pinto! (elevan

da a voz) Sou o Júlio copista!

PINTO - Fale baixo, homem de Deus! (arrastar de cadeira)

DOMINGAS-(aproximando-se) Então que temos ? Estão zangados

JULIO & (bufando) - É cá uma conversa!

PINTO - Você ferve em pouca água, amigo Júlio!

JULIO - (atalhando) Retire o "amigo Júlio" Eu não o conheço! Ou por outra: conheço-o bem demais! Ouviu, senhor Pinto? Eu não sou um borra-botas qualquer, como o senhor! O que fiz, foi mal feito! Disse-me arrependido! Mas não tolero que façam pouco de mim! Da minha arte! Ouviu, senhor Pinto ?

DOMINGAS-(tentando pôr água na fervura) - Ora esta! Pareciam tão amigos...acalme-se, senhor...Não esteja a estragar o almoço...ainda não comeu o arroz doce...

JULIO - Que lhe sirva de proveito...(afasta-se) Passem bem!

DOMINGAS-(em tom mais alto) - Espere lá, senhor! Então quem paga o seu almoço ?

JULIO -(Afastado)- Esse cavalheiro que o pague! Ele deve-me cem escudões...fora o resto! (passos que se afastam)

DOMINGAS-(meio risinha) - Que bicho é que mordeu ao homem?! Então o senhor Pinto é que vai pagar o almoço dele?!

PINTO - (Suspirando) - Olhe, senhora Domingas....

DOMINGAS- (solicita) - Diga, senhor Pinto.

PINTO - (queixoso) - Traga a conta...as duas contas...e uma garrafa de água mineral...estou pior da minha úlcera...



FOLHA DE PRESENCAS

Título do programa

miniteatro "Infeliz Coincidência"

Referência

N.º/R.P.L. 458
N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação 25 de Junho
da 1.ª emissão 30 de Junho

de 19~~75~~ às 9.30 horas.

de 1976 - Programa 14-13-15

Director artístico

Arturo Serrado

Attest

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
João Severino Vitor de Carvalho Angela Ribeiro	João Pinto Domingos	Ribeiro Vitor Angela Ribeiro

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Horácio Souza

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, de

de 196